

# Euclides da Cunha e a Vida Militar

Cap. Umberto Peregrino

Esse tema abrange aspecto realmente muito importantes da vida, da personalidade e da obra de Euclides da Cunha. Entretanto, convenhamos, em função do que tenha sido o transito de Euclides pelas nossas casernas. Este, em si mesmo, foi, além de rapido, intermitente. Mas dele derivam fator e consequencias essenciais à interpretação do autor de "Os Sertões".

A primeira coisa a examinarmos seja, pois, a passagem de Euclides pelo Exercito.

## Euclides na Escola Militar

Em fevereiro de 1886, aos 20 anos de idade, era Euclides matriculado na Escola Militar. Torna-se o cadete numero 308.

Avizinhava-se o fim do seu 3.<sup>o</sup> ano de curso quando ocorreu o episodio da sua insubordinação numa formatura em que devia prestar continencia ao Ministro da Guerra, Conselheiro Tomaz Coelho. O Ministro fazia uma visita à Praia Vermelha, em dia e hora escolhidos de modo a impedir que os cadetes, em franca fermentação republicana, comparecessem à retumbante recepção que se preparava a Lopes Trovão, no seu regresso da Europa. Euclides negou-se a fazer a continencia comandada e atirou o sabre aos pés da autoridade visitante.

Seguiu-se a sua baixa à enfermaria e transferencia para o Hospital Militar, no Morro do Castelo, providencia com que se procurava disfarçar o verdadeiro sentido do incidente. Euclides, porém, recusou inflexivelmente todas as acomodações. Foi recolhido à fortaleza de S. João e submetido a Conselho de Disciplina. Uma portaria de 11 de novembro mandou trancar-lhe a matrícula, nos termos do artigo 143 do regulamento vigente, à vista do parecer do Conselho disciplinar. Euclides ia entrar em processo. Livrou-o a intervenção do seu tio Antonio Pimenta da Cunha e do seu

pai, junto ao Imperador, ficando então o caso encerrado com a baixa de Euclides "por incapacidade física", o que se verificou no dia 14 de dezembro de 1888.

### Como era a Escola Militar da Praia Vermelha

Assim registam as magras e frias linhas dos assentamentos de Euclides, a sua passagem pela Escola Militar da Praia Vermelha. Lê-se com facilidade aquela caligrafia redonda, de algum velho sargento do velho Exercito, lançada em algumas folhas de papel almaço. Hoje acham-se guardadas num escaninho de aço do "Arquivo do Exercito", instalado no sub-solo do Palacio da Guerra. Correspondem a uma ficha, teem um numero e veem prontamente às nossas mãos.

Mas como estão amarelecidas!

E a gente começa a folheá-las devagar, sem lêr, apenas olhando e sentindo. Com pouco está longe. A emoção transportou-nos àquele mundo distante e diferente que foi o mundo do jovem Euclides.

Apeiamos do bonde em frente à rua da Passagem, em Botafogo, porque aí é o fim da linha. Ha transporte por agua, em escaleres a remo, até a Praia Vermelha, mas destinado aos professores e oficiais. Iremos a pé, que é como iam os cadetes. Caminharemos através de um caminho rustico, beirando a praia, de areias lavadas, que hoje mal podemos imaginar sob a invasão dos aterros sucessivos. Agora o mar se balança em contactos moles de encontro aos paredões de um cais de clube milionario, as marés se denunciam em movimentos verticais, parece água numa vasilha. Naquele tempo era praia mesmo, com areia frouxa e agua avançando ou retraindo-se em linguas espumantes. Devia ser facil, assim, vencer a caminhada.

Por fim surgia, murando o vão entre a Urca e a Babilonia, um magestoso edificio, com 54 janelas de frente, iguais, envidraçadas e guarnecidas com grades de ferro. Paralelamente, alinhavam-se outros tantos mezaninos, tambem gradeados. No centro recortava-se o imponente baluarte da entrada, e ao fundo deste a velha torre do relógio.

Era nesse nobre casarão, demolido em fins de 1907, para ceder lugar às edificações da Exposição Nacional de 1908, que vivia o Corpo de Alunos, constituido por uma rapaziada ardega, arrojada, generosa, mas tambem irreverente e boemia. Seus contactos mais assiduos vinham a ser, por força da organização militar, com o ajudante do Corpo, a quem incumbe a disciplina e o serviço interno. Pois lá está um

deles, o Major Antonio José Maria Pego Junior, sempre apertado numa "velha banda de seda escarlate, rematada em cachos de um doirado duvidoso", como descreve Lobo Viana nas suas "Reminiscencias". Os cadetes sentiam a cada passo a ação do ajudante, de modo que tudo de mau lhe era atribuído. Então surgiam as desforras anônimas: — tosavam-lhe o cavalo ou peor, pintavam-no ora de verde, ora de pixe, com a agravante que o bucefalo era branco e se chamava Bismarck...

Mas a corneta acaba de tocar avançar para o 2.º tempo de aula. Trompowsky já está na sua sala. Fiscaliza atentamente a chamada e logo a seguir entra a esmagar a turma com a sua Geometria algébrica. O quadro negro não comportava aqueles desenvolvimentos vertiginosos, e assim "à proporção que iam golfando do giz as expressões diferenciais e as integrações, aceleradamente as ia apagando para dar lugar ao surto de outras e mais outras".

Si passarmos à aula seguinte do 1.º ano teremos pela frente o Conselheiro Francisco Carlos da Luz, prelecionando sobre física experimental ou química orgânica. Às vezes a memória lhe foge. Põe-se, então, a mastigar as palavras, as frases, até que consiga retomar o fio das ideias. Si ha alunos de côr na classe é certo vê-lo interrogá-los com tons irônicos, sob os quais esconde um secreto prazer de humilhá-los. As perguntas se sucedem sublinhadas com sorrisos sarcásticos, agravadas de novas dificuldades, enquanto o Conselheiro escorrega o corpo por baixo da mesa, num espreguiçar lento e volutuoso. "Quando o cavaignaque tangencia às bancadas e todo o mento e acostava à cátedra — é ainda Lobo Viana, quem nos descreve—a nota má estava assegurada. Nos exames orais era sinal evidente de simplificação ou reprovação esse bizarro escorregamento".

Experimentemos uma aula do 2.º ano. No edificio da Administração, ao rez do chão, por baixo da Enfermaria, fica uma sala de bancadas semi-circulares. Ingressamos nela ao instante em que o velho bedel Sobral vinha de concluir a chamada, uma tropega convocação de nomes estropiados. Ouve-se o pontual pigarrear ao Ten. Cel. Brasílio de Amorim Bezerra. Agora ele corre a mão direita pela linha dos botões dourados do colete, coça a barba, expede um demorado olhar sobre a classe repleta e lhe dirige por fim uma carinhosa saudação.

Possue apenas uma vista, pois a outra perdeu-a em combate no Paraguai. Essa aparência, esse indiscutível selo guerreiro, predispõe em favor da sua autoridade, na materia

que ministra, e que tem o nome de **Arte Militar**, abrangendo tática, estratégia, história militar,, fortificações. Mas o Prof. Brasílio Bezerra não vai direto ao assunto da aula. Consome a meia hora inicial na análise dos fatos sociais e políticos do dia:

— “Não sei se os senhores leram o **Jornal do Comercio de hoje**” — começa ele, e por aí vai, numa alocução facil, calida e rica, discutindo com graça e proficiencia os artigos, os discursos, as noticias do jornal que trazia sempre consigo. Só ao meio do tempo regulamentar de aula enceta a lição propriamente dita. Mas ainda é o mesmo envolvente expositor, a um tempo erudito e acessivel, entrecortando a materia, por vezes arida, com umas oportunas doses de humorismo e malicia.

Que sala atenta e cheia a que escuta o Ten. Cel. Brasílio Bezerra!

Já o Conselheiro Tomaz Alves Junior não alcança esse milagre com as suas aulas de Direito Militar. Também está muito velho, já devêra ter sido afastado! Além disso acredita que ninguem liga a sua matéria.

O fato é que as suas aulas consistem na leitura, com entonações oratorias, de laudas sobre laudas de uma limosa literatura juridica, a que não faltava, já vê, abundante e sebento latinorio... O melhor é que, por vezes, ao mudar de folha, o Conselheiro Alves Junior volve duas ou tres juntas e continua imperturbavelmente a sua leitura sem perceber a desconexão do texto. No fim ainda dirige um oferecimento à classe:

— “Se por ventura alguma falha ou lacuna ocorreram no decurso de nossa oração, ou se algum ponto doutrinario ficou obscuro ou controverso, volveremos gostosamente a explaná-los”.

Mas não apenas aulas ocupavam as horas na Praia Vermelha. Os exercicios fisicos e a instrução militar tambem tinham seu lugar.

Os exercicios físicos eram sobretudo remo e natação, esta a cargo do alemão Muller, que massacrava os jejunos na arte de flutuar com um minucioso treinamento previo, no seco.

A instrução militar dividia-se entre os exercicios de Infantaria e de Cavalaria. A nota variada eram as formaturas que de vez em quando se faziam através de Botafogo, sacudindo com ruidos marciais as quietas ruas daquele bairro...

Ao fim do dia escolar os cadetes se distribuam pelos mais diversos destinos.

Havia os que se encaminhavam para o baluarte e em lentos passeios ou sentados na abertura de uma barbeta, ao lado de algum venerando canhão, entregavam-se a cismas ou conversas intermináveis.

Outros lançavam-se à aventura pela redondeza, e eis as excursões ao morro da Babilonia, varando trilhas sinuosas, no meio dos cardos bravos; as pescarias a dinamite; os encontros inconfessáveis no "Beco do lá vem um", situado ao lado do Hospício e cujo nome derivava de seu caráter deserto; as serenatas, que tanto podiam ser serenatas românticas, dirigidas à namoradas, como podiam ser serenatas macabras, no cemitério de São João Batista, ao pé do tumulo de algum brasileiro ilustre, e neste caso eram regadas com caninha, pão e sardinha. Alguns se consagravam ao ofício de apreender, pelos arredores, todos os cabritos, leitões, galinhas e frutas possíveis, os quais depois seriam a matéria prima de animados convêscotes realizados na gruta. A arrecadação desses artigos chegou a tal volume que foi necessário erguer pequenas casas, nos terrenos da Escola, destinadas a armazená-los.

E os carôços? Eram dansas improvisadas, na sala de esgrima, quasi sempre aos sábados, quando saía soldo. Dançava cadete com cadete, sob os estímulos de paratí, cerveja marca barbante e capilé. Excepcionalmente os carôços assumiam um nível superior, que se materializava numa mesa com empadas, maravilhas, pasteis, e na obediência a certo protocolo.

A esses se associavam as Escolas de Medicina, Politécnica e Naval. O carôço clássico, porém, era puramente interno. E foi neles, nos extravagantes carôços da Praia Vermelha que nasceu uma dança nacional famosa — o maxixe. Inventou-a um aluno chamado Reis, que ficou sendo Reis-maxixe e Reis-maxixe morreu.

Ao lado, porém, da boemia e da aventura, os cadetes dos tempos de Euclides se davam a práticas serias e elevadas, nas suas horas de ocio.

E' assim que, grupos organizados em associações secretas, reuniam fundos e nos primeiros dias de cada mês, alta noite, sem que os beneficiados percebessem, depositavam sob os seus travesseiros um envelope com dinheiro. Dessa forma eram auxiliados os cadetes pobres, sem mesada, que teriam de manter-se com os 3\$500 de soldo. Mais, todavia, que a ajuda em si, sem duvida valiosa, além de proporcionada com sacrifícios, pois os fundos provinham dos proprios cadetes componentes desses grupos secretos, comove-nos a forma delicada por que eram executados aqueles atos generosos. Obscuros,

sem ostentação, sem autores, procurando servir sem constranger ou maguar, que pura e sensível beleza de sentimentos documentavam aqueles moços da Praia Vermelha!

Também cultivavam entusiásticas relações com o mundo lirico. Adalgisa Gabí, Batistini, Sarah Bernhard — foram pessoas da intimidade da Escola Militar da Praia Vermelha, que frequentaram e presentearam com retratos, autografos e outras oferendas preciosas.

Conta o Gen. Afonso Monteiro, esse apaixonado memorialista de velha Escola, que quando da representação de *O Guarani*, sob a regencia do proprio Carlos Gomes, os cadetes se ausentaram da Praia Vermelha em massa, faltando às aulas do dia, para tomarem lugar desde cedo nas torrinhãs do teatro "Pedro II".

Outro setor em que muito se applicavam era o lítero-cientifico, através de sociedades e revistas. As sociedades foram muitas, com variados rotulos que imediatamente denunciavam as suas tendencias: Sociedade Fenix Literaria, Recreio Ilustrativo, Amor à Tribuna, Emancipadora, Clube Academico.

A Fenix e o Clube Academico tiveram vida mais longa e significativa. A primeira era formada somente de alunos do curso superior, enquanto o "Clube Academico", que surgiu mesmo com o fito de anular esse irritante privilegio, acolhia todos. Também se diferenciavam a "Fenix" e o "Club" em que uma era essencialmente literaria, ao passo que o outro se absorvia nas questões científicas, didaticas e matematicas.

A Revista da "Fenix", dirigida por Dantas Barreto, Licio Cardoso, Pedro Ivo, Rodolfo Paixão, Urbano Duarte, estampava colaborações subordinadas a títulos assim:

A poseia científica, D. Quixote, Evoluções do teatro no seculo XIX, A positividade do seculo, O seculo, O seculo XIX, O destino do realismo, As linguas neo-latinas, A harmonia do estilo, A literatura Americana, O realismo na arte, e até este tema — O celibato — que mais depressa devia interessar os moços de um seminario que da Escola Militar. Só uma vez a "Revista da Fenix" lembra a sua origem: é quando alguem escreve nela "Recordações do Paraguai".

Na Revista do "Clube Academico" os temas mudavam completamente, eram dos seguintes teores: Evolução cosmica, Navegação aerea, Considerações gerais sobre a classificação das ciencias, Teoria da maxima e minima, A aritmetica segundo o metodo comteano, Alçando vôo à concepção da mecanica, Teorias da eliminação e complementar de transformações de coeficientes diferenciais segundo a mudança de

**dade Dramatica** entrou em declínio. Alguns elementos foram atraídos ao **Clube Dramatico Familiar da Gavea**, e fizeram o o apogeu desse gremio. Mas a Escola era incorrigível, e tempos depois reanimou o seu teatrinho, reconciliou-se com a arte dramatica, que não podia ficar excluída das suas atividades...

Ponho diante dos olhos um derradeiro quadro da Escola da Praia Vermelha. E' Alfredo Severo, um dos de lá, quem o traça com a emoção das coisas vividas: "Após a revista das nove — descreve ele — depois que morriam na mudez da noite, as ultimas notas do toque de silencio, acendiam-se por todo o recinto da companhia, como laboriosos vagalumes, as velinhas espertas sobre as mesas de estudo".

Esse quadro humilde é, talvez, o mais significativo da existencia da velha Escola. Foi assim, pela noite a dentro, ao pé das "velinhas espertas sobre as mesas de estudo", que se aparelharam, sob a tutela dominadora de Benjamin Constant, aqueles vigorosos e nobres espiritos, que tornaram tão ilustre o nome da Escola Militar da Praia Vermelha, que tanto influíram no destino do Brasil, autores que foram da nossa integração na forma republicana. Ainda hoje, aproximarmos de qualquer deles, todos homens que ocuparam posições culminantes no cenario nacional, é sentir, na fidelidade admirativa que guardam ao antigo mestre Benjamin Constant, na intransigencia com que se apegam a um credo filosofico aposentado, e na sua incorrutível fé republicana, a força dos principios, a sinceridade dos ideais que dominaram e fizeram a magia da Praia Vermelha.

### EXPLICAÇÃO DO INGRESSO DE EUCLIDES NA ESCOLA MILITAR

Aqui, pela magia da Praia Vermelha, eu chego à explicação da entrada de Euclides na Escola Militar.

E' verdade que antes ele foi ter à Escola Politecnica. Mas convem não esquecer que as duas Escolas — Politecnica e Militar — eram afins. Até 1874 formavam mesmo uma só, e depois de separadas a Escola Militar continuou a fazer acima de tudo engenheiros. Em todo caso, a nosso ver, essa identificação profissional das duas Escolas não foi o que, no fundo, atraiu Euclides à Praia Vermelha. Na Politecnica ele ingressou por influencia do pai, que o imaginara, dí-lo Eloi Pontes, "com pendores invencíveis para a engenharia" e considerava essa carreira "com enormes perspectivas entre nós". Euclides estava, todavia, longe de ser um apaixonado das matemati-

cas. Aprendeu-as por dever de ofício, vencendo repugnancias abertamente confessadas no soneto *Amor algebrico*, de 1884, justamente quando se preparava para o exame de admissão à Politecnica. Nesse soneto refere-se às Páginas crueis de um livro de Bertrand” e classifica a algebra de “ciencia fria e vã”.

Não há, pois, de ter sido para não se desprender dos estudos matematicos, ou para assegurar a continuidade do curso de engenharia, que se voltou para a Escola Militar, quando o seu pai transferiu residencia para S. Paulo. Não. O Euclides que se lançou à Escola da Praia Vermelha não foi o estudante de engenharia, foi o poeta, foi o sonhador, foi o estudioso sensível ao prestigio academico da velha Escola, foi o idealista já interessado no movimento republicano em marcha, foi o moço que conhecera Benjamin Constant no Colegio Aquino. “A carreira das armas — na aguda observação de Eloi Pontes — tornara-se de molde a seduzir os temperamentos liricos”; isto completa a explicação da preferencia de Euclides. De uma parte, portanto — imediata, forte, irresistível — a magia da Praia Vermelha, com o seu academicismo científico-literario, e com o seu “panache” republicano; de outra parte o Exército assumindo na vida da nacionalidade uma influencia como jamais tivera.

### O TRANSITO DE EUCLIDES PELA PRAIA VERMELHA

E’ significativo que os contemporâneos de Euclides da Cunha na Escola da Praia Vermelha, inda os de melhor categoria, quasi nada sobem dizer, a seu respeito.

O Gen. Tasso Fragoso, a quem procurei especialmente para informar-me sobre o cadete Euclides, transmitiu-me apenas impressões muito vagas. Falou-me dos versos que Euclides lhe mostrava, da paixão com que discutia frequentemente questões filosóficas, das suas leituras que seriam sobretudo de geologia, do seu relativo desinteresse pelas matérias do curso, do seu cabelo impecavelmente alisado, em que ninguém tocasse.

Rondon, outro illustre colega de Euclides na Praia Vermelha, tambem se confina em escassas e vagas referências, mesmo quando escreve, como já escreveu, uma página especialmente consagrada à evocação de Euclides. Rondon, com efeito, recorda episódios, homens e coisas da velha Escola, mas sobre Euclides propriamente não forence nenhuma informação precisa e original.

Busquei ainda documentar-me sobre a passagem de Euclides pela Escola Militar com o Gen. Afonso Monteiro. Este é memorialista emérito. A Praia Vermelha imerge do passado animada e nítida, através das suas narrativas minuciosas, com todos os nomes, todas as datas, todas as circunstâncias. Servira além disso com Euclides na mesma Companhia, e foram companheiros de turma — avisa-me o Gen. Tasso. Pois bem, Afonso Monteiro desanda a falar de outros de numerosos outros cadetes do seu tempo. Calar-se é que não pode quando lhe tocam na Praia Vermelha. Quanto à Euclides, sabe apenas dizer que era muito arredo, sem relações; era contudo, amigo de Moreira Guimarães. Também faz menção ao cabelo, que Euclides teria o sestro de alisar constantemente.

Moreira Guimarães, apontado como amigo de Euclides, e que o foi realmente, também lhe dedicou uma página evocativa. Não foge, porém, à regra. Do cadete nada revela, a não ser o que se contém no seguinte diálogo, conversado num desvão da velha Escola:

— “Então Moreira Guimarães aonde te encaminhas pela vida em fóra?”

— “Escuta Euclides, como que tudo se me obscurece, assim diante dos olhos... Confesso: ignoro o que vai um pouco além do meu nariz; não vejo bem a estrada em que me arrasto—”.

— “Pois quanto a mim, — replica Euclides — serei jornalista. Mas, hei de sempre trazer uma bengala, para a defesa dos meus conceitos”.

Se assim falava o cadete, pode imaginar-se como se sentiria. E compreende-se então as revoltas, os anseios, as amarguras que veem a furo nas notas íntimas que escrevia sob o título — **Observando**. Numa delas lê-se isto bem expressivo do seu estado de espírito:

“Dominar-me! Este trabalho de Hércules, que a minha consciência a todo o instante impõe-me, constitue aqui — às vezes — o meu único esforço durante dias seguidos”.

De uma feita em que se atritou com um colega, quasi empenhando-se numa **tourada**, como se diz na gíria escolar para significar luta corporal, regista no “**Observando**”:

“Dominei-me, e bem foi que isso se desse, para que nesta dolorosa comedia eu não começasse representando o triste papel de capadócio”.

Aí estão os sinais claros da violenta inadaptação de Euclides no ambiente escolar da Praia Vermelha. Nem os torneios literários da “Sociedade Família Acadêmica” nem a ebulição republicana conduzida por Benjamin, eram sufi-

cientes para absorver e aplacar aquele temperamento indomável.

Si Tasso Fragoso, Rondon, Afonso Monteiro, Moreira Guimarães, não encontram o que contar de Euclides na Praia Vermelha, é que ele não se integrou no ambiente escolar, vivia à parte, retirado, fechado consigo mesmo, ausente dos carôços, das pescarias, das escaladas do Pão de Açúcar, dos aprasamentos no "Beco do lá vem um"... Só o episódio de insubordinação perante o Ministro da Guerra viria chamar a atenção sobre Euclides. Mas foi um episódio final. A Escola pôde apenas guardar o nome do seu herói. Guardou e recordou-o depois, no dia 16 de novembro de 1989, por intermédio daqueles que, já oficiais, acabavam de fazer a República.

Deve-se considerar ainda como um dos factos da inadaptação de Euclides à Escola Militar, o seu estado de saúde. No 1.º ano baixou à enfermaria três vezes; no 2.º duas, e obteve uma licença de 60 dias para tratamento.

Euclides, como se sabe, padeceu desde cedo de uma dispepsia atroz. A sua fácil irritabilidade, o mau humor com que às vezes amanhecia, segundo confissão no *Observando*, deviam vir daí.

É importante, todavia, notar que Euclides, apesar do interesse secundário que dispensou ao curso, ia levando-o com facilidades e boas notas. Nos exames do 1.º ano obteve as seguintes aprovações: em Geometria Analítica, Cálculo Diferencial e Integral — 8; em Física Experimental e Química Inorgânica — 9; em Desenho — 7; em Exercício Prático — 8; Ao termo do 2.º ano teve: 8 na 1.ª aula, isto é, Arte Militar, que compreendia tática, estratégia, história militar, fortificação passageira e permanente, noções de balística; 7 na 2.ª aula, que constava de "Direito Internacional aplicado às relações de guerra, precedendo noções de direito natural e público; direito militar, precedendo análise geral da Constituição do Império"; no desenho repetiu o grau 7.

Com essas aprovações, todas plenas, Euclides conquistara o direito, ao galão de alferes-aluno, como era da legislação vigente, e isto lhe valeria a promoção imediata, ao reverter com a proclamação da República. Porém, o que é mais interessante observar é que no 1.º ano ele obteve 8 nos "Exercícios práticos", grau só superado com o 9 de "Física Experimental e Química Inorgânica", no 2.º ano sua melhor aprovação foi a de "Arte Militar", um 8. Isso demonstra que Euclides, conquanto se não houvesse adaptado ao ambiente da Escola Militar, e já alimentasse, conforme se evidencia na

conversa com Moreira Guimarães, projetos alheios à farda, era mais aplicado, ou então tinha mais embocadura, para às matérias estritamente militares.

Outra desconcertante verificação em torno do trânsito de Euclides pela Escola da Praia Vermelha é que ele, às vésperas do incidente que lhe interromperia a trajetória militar, fôra nomeado sargenteante da sua companhia, por proposta do Comandante desta.

Ora, a função de sargenteante supõe umas tantas qualidades militares, é uma função de mando diréto. Para que o capitão fizesse de Euclides sargenteante, era preciso que confiasse na sua ascendência moral sobre os outros cadetes da Companhia, que o considerasse enérgico, correto nas atitudes militares e dedicado aos deveres de soldado. Em suma, para utilizar a expressão com que costumamos abranger esse conjunto de predicados, era preciso que lhe reconhecesse **espírito militar**.

A insubordinação famosa, em presença do Ministro Tomaz Coelho, não anula as boas sugestões criadas pela nomeação de sargenteante, em torno do comportamento militar de Euclides, na sua experiência de cadete. Além do caráter rigorosamente político que teve o seu ato, deve-se refletir que àquele tempo e sobretudo na Praia Vermelha, eram grandes as transigências disciplinares. A insubordinação de Euclides foi substancialmente igual a tantas outras lá mesmo ocorridas. O que a agravou foram as circunstâncias do momento político, extremamente crítico. Inda assim, porém, teria sido resolvida pela acomodação, não fôra a atitude impávida de Euclides.

Convenhamos, em todo o caso, que mesmo a solução adotada, a baixa de Euclides por "incapacidade física", não é um índice de firmeza disciplinar. Foi uma saída **camarada**, como **camarada** era o próprio regime da Escola.

## A SEGUNDA FASE DE EUCLIDES NO EXÉRCITO

No dia 16 de novembro de 1869, pela mão de Edgar Sampaio, sobrinho do Maj. Solon, atravessou Euclides a cidade expansivamente republicana e foi ter à casa deste vitorioso do dia. Da visita saiu praticamente reintegrado no Exército, porque foi tudo que pediu quando se recordou e exaltou, na sala repleta de triunfadores revolucionários, o seu feito da Praia Vermelha. Antigos companheiros da Escola Militar, entre os quais Rondon, Tasso Fragoso, Sebastião Bandeira, influentes na situação que acabava de instalar-se, apressaram o ato oficial em favor de Euclides.

Assim, a 19 de novembro, o ex-cadete revertia por força de uma Portaria que tornou sem efeito a sua baixa do serviço.

Como fôra excluído quasi no fim do curso e quando já tinha direito à promoção a alferes-aluno, logo no dia 21 teve acesso a esse posto. Uma portaria de 6 dias depois mandou que o novo alferes-aluno prestasse os exames que lhe faltavam para completar o curso de Artilharia, e outra, datada de 8 de janeiro de 1890, autorizou a sua matrícula na Escola Superior de Guerra. Nessa Escola, criação da reforma de 9 de março de 1889, devida ao Ministro Tomaz Coelho, três eram os cursos: Artilharia, Engenharia e Estado Maior.

Euclides fez sem demora os exames correspondentes ao seu curso interrompido, pois já no dia 11 de fevereiro o Diretor da Escola Superior de Guerra oficiava comunicando que o Alferes-aluno Euclides Rodrigues da Cunha havia concluído o curso de Artilharia, de acordo com a reforma de 9 de março. Continuaria, em todo o caso, fazendo o curso de Estado Maior de 1.<sup>a</sup> classe.

A promoção a 2.<sup>o</sup> Tenente veio em 14 de abril e a primeira classificação foi no 4.<sup>o</sup> Batalhão de Artilharia, em Bagé. Mas com poucos dias está o 2.<sup>o</sup> Ten. Euclides nomeado para a 4.<sup>a</sup> Cia. do Batalhão Acadêmico. Também não permanece nessa função. Em outubro é transferido para o 2.<sup>o</sup> Regimento de Artilharia, sediado aqui no Rio. Em junho do ano seguinte (1891 troca ainda de unidade, vai para o 5.<sup>o</sup> Batalhão de Artilharia, igualmente aquartelado nesta capital, e antes de terminar o ano, em 22 de dezembro, passa a subalterno da 3.<sup>a</sup> Cia. do Batalhão Acadêmico.

Estava a concluir o curso de Estado Maior de 1.<sup>a</sup> Classe, o que de fato alcançou em 8 de janeiro de 1892. Um decreto de 9 promoveu-o ao posto de 1.<sup>o</sup> Tenente para o Corpo de Estado Maior de 1.<sup>a</sup> Classe, ficando considerado na Escola Superior de Guerra. Logo a seguir, em 5 de fevereiro, era nomeado secretário da Escola Prática do Rio Grande do Sul. Lá não foi. Preferiu ser coadjuvante de ensino da Escola Militar desta Capital, cargo que assumiu em 13 de julho. Não chegou, porém, a desempenhá-lo, porque um mês depois, passou à disposição do Ministério das Indústrias, Viação e Obras Públicas, a fim de praticar na E. F. C. B., conforme seu ambicioso pedido na extraordinária entrevista com o Marechal Floriano, que o chamara ao palácio da Rua Larga para oferecer-lhe o que escolhesse.

Dois meses foi quanto levou nessa prática ferroviária. A 28 de outubro apresentava-se na Diretoria Geral de Obras

Militares, em virtude de uma ordem verbal do Ministro da Guerra. Em meados de novembro já estava à disposição do Gen. Francisco Carlos da Luz, mas nos últimos dias de dezembro voltava à Diretoria de Obras, para em janeiro de 1841<sup>1983</sup> trabalhar nas fortificações em construção no litoral da cidade, contra os desembarques dos rebeldes do Almirante Custódio. Ainda a serviço da Diretoria de Obras desloca-se, ao expirar abril, para a cidade de Campanha, em Minas Gerais.

O ano de 1895 marca o afastamento de Euclides do Exército. Começou passando para a reserva de 2.<sup>a</sup> classe, como agregado ao Corpo de Estado Maior em virtude do parecer de uma junta médica que o inspecionou. Isto foi em 28 de junho. Um ano depois, precisamente, era o afastamento definitivo, com a reforma "de conformidade com a 1.<sup>a</sup> parte do parágrafo 1 do art. 9 da lei n. 648 de 18 de agosto de 1852, visto achar-se agregado ao Corpo a mais de um ano e ter sido em nova inspeção julgado incapaz".

### Por que voltou Euclides ao Exército?

Por que, naquela reunião na casa poderosa, do Maj. Solon, na noite do dia seguinte à proclamação da República, teria Euclides deliberado retornar ao Exército?

Por considerações de conveniência seguramente não foi. Euclides não as atendia, não as atendeu em nenhum instante, nem mesmo nos lances mais difíceis da sua vida e precisamente contra todas as conveniências decidiu retirar-se em definitivo do Exército, alguns anos mais tarde. Com efeito, ao tempo em que se reformou era 1.<sup>o</sup> Tenente, tinha mulher e filhos a sustentar, o sogro estava General, havia de ampará-lo, e desaconselhava a reforma com razões práticas, até práticas demais: "penso que será um desastre abandonar a melhor profissão que existe no país". Ao voltar-se de novo para o Exército, Euclides atravassava uma fase serena, fazendo jornalismo e prosseguindo no curso da Politécnica. Não tinha responsabilidades nem preocupações imediatas. O futuro que se lhe abria não era em nada inferior ao que a farda podia oferecer-lhe.

Por que então a espontânea reincidência militar de Euclides?

Vejo-a claramente explicada pelo mesmo mecanismo psicológico que o conduziu à Praia Vermelha. Euclides quis de novo a farda, enfeitiçado pela posição ideológica em que o Exército se colocara. Aquela embriaguez da implantação republicana contaminou-o. Rondon, Tasso Fragoso, Sebastião

Bandeira, e tantos outros do seu tempo na Escola Militar, eram oficiais e tinham parte ativa nos acontecimentos. Euclides foi na sedução de tudo isso. Com sua fogosa e pronta imaginação exagerou, talvez, o alcance do que se passava. Acreditou em mais do que realmente existia. Viu no Exército o setor onde se expandiria e onde muito teria o que defender. Nem preocupações utilitárias, nem tão pouco uma vocação. Moveu Euclides apenas isto: um dos seus tão frequentes arrebatamentos generosos, desta vez oriundo de uma ilusão, a ilusão criada pelas claridades de uma súbita transmutação política, operada entre delírios oratórios e festivas notas de clarim...

Logo entrou a manifestar-se o novo equívoco de Euclides. Não pára em nenhuma função militar. A cada momento muda de corpo, ou é nomeado para comissões diferentes, que por vezes nem chega a assumir. Essa instabilidade não é mais do que reflexo da sua própria flutuação íntima.

Que se passaria então com Euclides? Acalentaria ambições políticas? É fóra de dúvida que não. Teve uma grande, uma excepcional oportunidade quando Floriano, chamando-o ao palácio presidencial, disse-lhe para escolher a posição que desejasse, porque queria aproveitá-lo e, palavras suas, "não se julgava competente para indicá-la". Como se sabe, Euclides respondeu que "desejava o que previa a lei para os engenheiros recém-formados — um ano de prática na E. F. C. B.". E podia ter pedido um Estado...

O caso é que Euclides não tinha, como não teve nunca, ambições materiais. E aqui retomo, para reiterá-la, a minha tese antiga, de que nada houve de particular no comportamento de Euclides no seio do Exército. Ele não se ajustou à carreira das armas como, de resto, não se ajustou a nenhuma outra, não serenou jamais em qualquer atividade.

Mas consagrou ao Exército e aos problemas militares brasileiros um interesse permanente, muito vivo, embora nem sempre bem compreendido, porque se colocava em plano bastante superior ao nível e às preocupações correntes, aquele extremamente rasteiro e estas eminentemente pessoais.

Opiniões sobre problemas de defesa nacional repontam com insistência na sua obra, e até na correspondência com os amigos, a exemplo disso que se lê numa carta a José Ve-ríssimo: "se eu fosse governo, trataria de garantir as três largas brechas do Javari, do Juruá e do Purús".

E não podia ser de outro modo porque Euclides era de um patriotismo intransigente e vigilante. Basta recordar-

mos o episódio do banquete que a "Comissão" peruana ofereceu à "Comissão" brasileira, por ele presidida, à chegada em Curanjá, que representava o feliz termo dos seus trabalhos. A ornamentação do local ostentava copiosamente a bandeira do Perú, e nem uma vez a nossa. Euclides estava contrariado, disposto a retirar-se, quando avistou entre os adornos "algumas folhas de palmeiras cujas faces internas de um amarelo muito intenso contrastavam no verde do resto da folhagem". Então, impaciente, mal tomados os lugares à mesa, "sem aguardar o momento oportuno para os brindes", tomou "de golpe a palavra", e formulou um agradecimento pela requintada galanteria com que se tinha posto naquela sala a bandeira da nossa terra". E ante o geral atordoamento, entrou a esclarecer que "ao invés de irem procurar no balcão mercenário de uma fábrica" a bandeira brasileira, "tinham-na buscado no seio magestoso das matas, tomando-a exatamente da árvore que entre todas simboliza as idéias superiores de retidão e da altura", porque, conclue, "a minha pátria é retilínea e alta como as palmeiras".

Não sei, em toda a nossa história, de nenhum rasgo de patriotismo mais belo nem mais puro.

Muitas vezes, porém, os sentimentos patrióticos de Euclides se manifestam sem pompa, sem repercussões públicas, sem possibilidades de divulgação, o que seria um fator de crédito, si se pudesse pôr em dúvida a sinceridade de Euclides. Exemplo dessas manifestações obscuras, é o que diz a Alberto Rangel, numa daquelas conversas epistolares em que tanto se comprazia. Escreve ao amigo em dezembro de 1907: "Recebo sempre os teus cartões postais, gentilíssimos e breves e tão sinceramente admirativos ante os encantos do velho mundo. Mas penso com tristeza, que eles te estejam apagando na alma, a lembrança da nossa rude e formosíssima terra. Precisas reagir contra a feitiçaria da velha toda ataviada de primores — e que, afinal, não vale a nossa Pátria, cheia de robusta e esplendida virgindade".

Esse tom apaixonado, quasi ingênuo, não implicava, em todo caso, no entorpecimento do seu espírito crítico. Pelo contrário. Ninguém foi mais penetrante na análise dos nossos defeitos. O patriotismo e o nacionalismo de Euclides não eram feitos desse "verniz superficial e daninho de jacobismo furtacores", de que nos fala Oliveira Lima, vermelho, azul e "até amarelo, a côr do ouro — o qual é tantas vezes uma afetação e uma hipocrisia".

### As atividades de Euclides como oficial

O segundo período de permanência de Euclides no Exército dissolve-se, também, no silêncio dos seus contemporâneos. Nenhum depoz sobre as atividades do tenente Euclides da Cunha no 2.º Reg. ou no 5.º Bat. de Artilharia, nem no Batalhão Acadêmico.

Na verdade é muito pobre a crônica dos nossos quartéis em depoimentos dessa natureza. Raro o nosso militar ilustre que tenha sido retratado pelos que com ele conviveram na caserna. As limitações do regime militar talvez expliquem isso. De Euclides, em todo caso, provavelmente não haveria muito o que contar. Já se viu que ele variou seguidamente de unidade, sinal de que não se afeioou a nenhuma.

O mais importante da sua trajetória de oficial parece estar mesmo nos trabalhos de fortificação costeira, que realizou aqui no Rio, por ocasião da revolta da Esquadra. Ele próprio, referindo-se a esses trabalhos, classificá-os de “azafama guerreira”, e de fato, não faltou neles sequer o fragor dos combates, porque cada noite lá vinham rebocadores hostis, fazer descargas de inquietação sobre as guarnições das praias.

Foi nessa quadra que Euclides enfrentou, pela imprensa, o senador João Cordeiro, florianista exaltado, que havia sugerido em artigo de jornal, o extermínio sumário e até cruel, de certa classe de adversários, cuja ação se manifestara sob a forma de atentados terroristas. Euclides, embora formasse firme e convictamente ao lado da causa encarnada por Floriano, saiu imediatamente a público para combater o que ele classificou de “represália talvez ainda mais criminosa que o crime”. O senador acudiu um tanto irritado e mantendo os seus pontos de vista. Euclides replicou ainda, e, detalhe curioso, desta vez assinou-se: Euclides da Cunha — 1.º Ten. Creio que foi esta a única vez em que se assinou assim.

O estágio na Cidade de Campanha, a serviço da “Diretoria de Obras Militares” não teve maior importância. O engenheiro militar devia reparar o prédio da Misericórdia para receber o 8.º Regimento de Cavalaria.

Veiga Miranda, estudando Euclides “antes dos Sertões”, tranmitiu-nos alguns dados sobre essa temporada na austera cidade sul-mineira.

Campanha, com seus quatro jornais ativos, era de índole conservadora, nutria-se de orgulhosas tradições. Euclides sacudiu-a com as suas fervidas pregações republicanas. E não

apenas a sacudiu, conquistou-a também, como é prova o fato de ter sido o seu nome dado a uma praça local, àquele tempo, quando era ainda, simplesmente um tenente do Exército.

Da sua vida lá, conta Veiga Miranda que se revelou um ativo fotógrafo amador; “vivia a bater chapas, mostrando particular empenho em tirar retratos de crianças”. Conta mais que os caipiras tinham medo de soldado, evitavam pender dara as bandas do quartel, com o que Euclides não podia conformar-se. Frequentemente interceptava um desses tímidos caboclos, e lhe falava:

— Tem medo de soldado? Por que? Soldado é homem como você, está ouvindo?”

Esse pequeno gesto, do fim de atividade de Euclides no Exército, oferece uma alta e grata lição de não arrogância. É claro que não poderíamos ter dúvidas sobre a conduta de Euclides neste particular. Jamais um homem da sua envergadura moral e intelectual procuraria valorizar-se ou impor-se pela encadernação da farda. Aliás, sempre foi um seguro índice de mediocridade, de falso valor intrínscio, a importância que os indivíduos muitas vezes assumem em função de posições públicas. Quanto maior a importância em que alguém se instala às expensas de um cargo, de um posto, tanto menor, pode-se contar, o seu real merecimento. Haverá mesmo aí um fenômeno inconsciente de compensação... Ora, como observa Oliveira Lima, “uma das linhas marcantes do caráter de Euclides estava no seu afan de dever a si próprio, ao prestígio que pudesse haver criado pelo seu esforço, à deferência que pudesse impor pelo seu mérito e conduta, sua elevação às posições”.

Aquele gesto, pois, de aproximação e nivelamento do tenente para com o caipira, não podia surpreender. Mas resta, de qualquer modo, a lição cuja oportunidade talvez seja eterna, por que é preciso ter sido oficial de carreira, acostumado ao mando e aos privilégios inerentes à estrutura militar, para saber o que custa afastar as deformações, e entre todas a arrogância, que está tão perto da altivez e da energia, virtudes essencialmente marciais.

### O correspondente de guerra

Quando Euclides vai a Canudos fá-lo em condições perfeitamente caracterizadas como função militar.

A primeira notícia do Estado de São Paulo sobre a sua ida para o teatro de operações, era nos seguintes termos: “Devia ter sido ontem nomeado para o estado maior de S. Excia.

o Ministro da Guerra, o engenheiro militar Euclides da Cunha". Dias depois o Estado noticia o seu embarque para o Rio, "onde se apresentará ao Ministro da Guerra, com quem deve partir para os sertões da Baía".

De como Euclides se identificou com a função militar de correspondente, adido ao Estado Maior do Gen. Bitencurt, e posteriormente, do Gen. Artur Oscar, são muitos os sinais, *ouvi*

Começa que Euclides usava farda (pelo menos, em certa passagem do "Diário" de Canudos alude ao seu *dolman*), dorminava "um rude leito de soldado".

Estava sujeito a constantes perigos, que descrevia com esta tranquila naturalidade: "Sobre a cobertura de couro do casebre em que me acolho passam, sibilando, as balas. Já me vou afeiçoando a esta orquestra estranha. Não há um único ponto do acampamento em que ele não se faça ouvir; um único ponto em que não caíam os projeteis constantemente arremessados pelo inimigo".

Quando o Gen. Artur Oscar visitou pela primeira vez a fração conquistada do arraial de Canudos, Euclides acompanhou-o, chamando a isso "uma excursão atraentíssima".

Eis um precursor dos atuais **Correspondentes de guerra**. Estes, embora não combatentes, são parte integrante dos exércitos, a cujos Estados Maiores ficam adidos. A situação de Euclides foi tipicamente essa. O que os **correspondentes** comuns não possuem é um forro profissional-militar como Euclides levava. Por isso, pôde o **correspondente** vir a fazer, depois, a história militar da campanha.

### A vida militar de Euclides e a sua obra

Euclides não foi, positivamente, um militar. Dí-lo, ele próprio, em francas e reiteradas confissões:

"Lá fui, constrangido na minha farda de 2.º tenente e atrapalhado com a espada", escreve contando a Lucio de Mendonça a já referida entrevista com Floriano.

Doutra feita, referindo os seus trabalhos de engenharia militar, durante a revolta da esquadra, assim se exprime:

"Não esqueci um adorável companheiro e mestre, Thomaz Carlyle, em cujas páginas nobremente revolucionárias me penitencio do uso desta espada inutil, deste heroísmo à força e desta engenharia malestreada".

Também não foi um engenheiro, convicto, contente com a profissão. Suas queixas contra a Engenharia são igualmente assíduas e talvez mais amargas. Em carta a Lucio de Mendonça alude à sua "engenharia rude, engenharia andante,

romanesca e esteril". Com Max Fleiuss tem certa vez um desabafo violento: "Aqui estou às voltas com o meu triste ofício de engenheiro. Quer isto dizer que bem pouco me sobra para cuidar de coisas mais altas. Calcule—continua ele distilando os venenos que lhe iam na alma, — a minha revolta contra essa situação lastimável: chumbado à profissão ingrata que me desvia tanto dos estudos prediletos".

É vão querer encarar Euclides como militar, engenheiro, jornalista, cartógrafo do Itamaratí (também abominou essa função) ou professor de Lógica no Pedro II.

O que importa em Euclides é a sua obra e somente a sua obra. Tudo o mais que ele fez, fê-lo a contra gosto, instigado pelas solicitações de vida cotidiana, ou acidentalmente. Lá está a prova indiscutível: "bem pouco tempo me sobra para cuidar de coisas mais altas". E essas "coisas mais altas" eram os seus "estudos prediletos", eram as tarefas que conduziam às poderosas construções que nos legou.

Dessa forma, consideramos que tudo o mais com que Euclides se ocupou, só deve ser apreciado em função da sua obra.

Que importância atribuir então, dentro desse critério, ao seu trânsito pela carreira das armas? Uma importância, evidentemente, enorme. Na Escola Militar da Praia Vermelha, "uma academia em um quartel", como definiu Alberto Rangel, formou-se Euclides com bons fundamentos científicos. Venancio Filho, ainda recentemente, em penetrante estudo, desenvolveu esse conceito, que há muito tempo, aliás, já firmar, ao assinar que a base científica da cultura dada pela Escola Militar a Euclides, "salvou-o de ficar apenas na literatura, sem lastro de idéias, como tantas outras inteligências nossas". Esta foi, pois, uma influência geral, uma influência na sua formação intelectual.

Onde, porém, incide direta e especificamente a experiência militar de Euclides é, precisamente, na sua obra máxima. "Os Sertões" seriam, sem dúvida, diferentes, se o seu autor fosse de todo em todo estranho à ciência militar e à intimidade dos nossos quartéis. Não seriam, pelos menos, uma obra tão completa nem tão verdadeira. E é isto, a meu ver, que torna importantíssima a passagem de Euclides pela carreira militar.